

Sarney está mais perto da presidência do Congresso

Sérgio Prado.
de Brasília

Se a eleição para presidência do Senado Federal fosse agora, José Sarney (PMDB-AP) teria amplas chances de vencer. Ele recebe a cada dia sinais de que suplantaria qualquer adversário na disputa, da qual sai também o chefe do Legislativo. "Pende para esse lado", prevê um parlamentar peemedebista acostumado há várias legislaturas com o jogo de bastidores. Além de seu partido, o ex-presidente contaria com apoio do PT, de partidos aliados do novo governo, e de setores importantes do PFL e até do PSDB de Fernando Henrique Cardoso.

Na semana passada, um encontro com o senador eleito Tasso Jereissati (PSDB) teria selado o apoio a Sarney, revelam assessores do ninho tucano. E levaria pelo menos um pedaço de seu partido junto. O movimento do ex-governador do Ceará teria o endosso dos tucanos Aécio Neves e Geraldo Alckmin. Eleitos governadores de Minas e São Paulo, respectivamente, eles fazem parte de um núcleo que deseja o controle do partido a partir de meados de 2003. E preferem ter boas relações com o novo chefe do Executivo, Luiz Inácio Lula da Silva, no Parlamento. Sarney cairia como uma luva para sacramentar essa opção, que contraria os designios de Fernando Henrique Cardoso. A direção do partido do presidente ainda batalha pela formação de um bloco capaz de concorrer à direção da Mesa do Senado e do Congresso Nacional. Neste caso, o candidato seria do senador eleito Marco Maciel (PFL).

Sarney aliou-se a Lula antes da eleição presidencial, embora seu partido fosse coligado com o PSDB de José Serra. Após o pleito, os petistas fizeram um acordo pelo qual ficariam com a chefia da Câmara dos Deputados e o PMDB com o Senado, embora Lula alerte que não está disposto a se intrometer em escolhas dentro de outras legendas.

A aprovação a Sarney avança também por dentro do PFL. Parte dos liberais acompanha Antônio Carlos Magalhães no mesmo rumo. Vale lembrar que em fevereiro de 2001, ACM tentou esta alternativa para impedir que seu inimigo Jader Barbalho (PMDB) o sucedesse como presidente do Senado. Por ligações óbvias, os pefehistas Roseana Sarney e Edison Lobão (ambos do Maranhão), estão no mesmo diapasão.

PMDB dividido

Sarney passou a evitar o assunto nos últimos dias com jornalistas. "Temos de deixar para o início do ano que vem, quando os novos senadores chegarem", disse Sarney a este jornal, enquanto apressava-se a entrar no elevador, cercado por quatro seguranças.

Encontro com Tasso Jereissat, na semana passada, teria selado apoio do senador tucano

A cautela é para evitar mais atrito com a cúpula do PMDB, que gostaria de ver seu líder no Senado, Renan Calheiros (AL), como presidente do Congresso. Este também resolveu fechar a boca a respeito do tema, mas continua atuando nos bastidores do Congresso. Ainda na quinta-feira, um vice-líder peemedebista informava que Renan continua conversando com senadores de seu partido, principalmente com aqueles que já manifestaram simpatia à candidatura Sarney, para tentar demovê-los e conquistar seu voto.

Ex-líder do governo Fernando Collor de Mello no Legislativo, o congressista alagoano foi reconduzido ao Senado com a maior votação proporcional do País, com 42% dos votos – superou até Aloizio Mercadante (PT-SP) que teve mais de 10 milhões de votos, mas seu percentual foi de 30%.

Com um desempenho desses, Calheiros passou a postular sua candidatura. Mas logo surgiram resistências a ele em outras bancadas. Esta seria a chave da questão. Pelo simples fato de que o PMDB poderia perder no voto em plenário. Se optar por rifar Sarney

18 NOV 2002

GAZETA MERCANTIL